



O elenco DANIELLE STEEL

Autora com **um bilhão** de cópias
vendidas no mundo



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

O elenco DANIELLE STEEL

Tradução

Sandra Martha Dolinsky



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Danielle Steel, 2018
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright de tradução © Sandra Martha Dolinsky, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Cast*

Preparação: Ligia Alves
Revisão: Bonie Santos e Tamiris Sene
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: Tom Hallman
Adaptação de capa: Renata Spolidoro
Imagem de capa: Tom Hallman

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Steel, Danielle

O elenco / Danielle Steel; tradução de Sandra Martha Dolinsky. -
São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
256 p.

ISBN 978-85-422-2458-0

Título original: *The Cast*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

23-5817

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo/SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



CAPÍTULO 1

O s sons da festa de Natal da empresa chegavam à sala de Kait Whittier pela porta parcialmente aberta. Ela não dava atenção, debruçada diante de seu computador, tentando terminar o último trabalho antes do recesso de Natal. Era sexta-feira à tarde, o Natal caía na segunda-feira e a redação da revista *Woman's Life* ficaria fechada até depois do Ano-Novo. Ela queria escrever sua coluna antes de sair e tinha muito a fazer antes que dois de seus filhos voltassem para casa, na manhã de domingo, para passar a véspera e o dia de Natal com ela.

Mas, por ora, todo o seu foco estava no que ela estava escrevendo. Era para a edição de março da revista, mas a época do ano não importava. Ela procurava falar de assuntos de interesse geral para as mulheres, como as questões difíceis que enfrentavam em casa, nas suas relações e no casamento, com os filhos ou no trabalho. A coluna que ela escrevia se chamava “Conte para Kait”; às vezes, nem ela mesma acreditava que a escrevia havia dezenove anos. Respondia a algumas cartas diretamente, sobre assuntos pessoais particularmente delicados, e incluía outras, de escopo mais amplo, na coluna.

Era frequentemente citada como especialista e convidada para participar de painéis sobre questões femininas, ou para aparecer em programas dos principais canais de TV. Formara-se em jornalismo e

fizera mestrado na mesma área na Columbia. E alguns anos depois de começar a escrever a coluna, para ganhar mais credibilidade e conhecimento, tinha feito mestrado em psicologia na NYU, o que lhe fora muito útil. A coluna saía no começo da revista agora, e muitas pessoas compravam a *Woman's Life* principalmente para lê-la. O que originalmente era conhecido como “coluna das agônias” nas reuniões editoriais agora era um grande sucesso e tratado com dignidade e seriedade, assim como Kait. E o melhor de tudo era que ela adorava e achava gratificante o que fazia.

Nos últimos anos, ela acrescentara um blog a seu repertório, no qual incluía trechos de sua coluna. Tinha milhares de seguidores no Twitter e no Facebook e já pensara em escrever um livro de conselhos, mas ainda não o fizera. Tinha o cuidado de respeitar a linha tênue e não dar abertamente conselhos delicados que pudessem expor a revista a ações judiciais, ou ela mesma a acusações de praticar medicina sem ser formada. Suas respostas eram inteligentes, cuidadosamente pensadas, sensatas, sábias e cheias de bom senso – o tipo de conselho que se espera receber de uma mãe inteligente e preocupada, como ela era, em sua vida privada, para seus três filhos, já adultos. Eles eram bem novos quando ela começara a escrever na *Woman's Life* para ter uma porta de entrada para o mundo das revistas femininas.

O que ela realmente queria era trabalhar na *Harper's Bazaar* ou na *Vogue*, mas aceitara escrever a coluna de conselhos femininos como um quebra-galho, enquanto esperava que um cargo mais glamoroso surgisse em outro lugar. Mas descobrira seu nicho e seus próprios pontos fortes e se apaixonara pelo que fazia. Era perfeito, porque ela podia trabalhar de casa quando precisasse e ir ao escritório só para reuniões editoriais e para entregar suas colunas finalizadas. Quando seus filhos eram pequenos, o horário lhe dava muita liberdade para passar mais tempo com eles. E agora ela estava livre para ficar mais tempo no escritório, mesmo fazendo grande

parte de seu trabalho por e-mail. Ela mesma enfrentara muitos dos problemas sobre os quais suas leitoras lhe escreviam. Tinha uma legião de fãs, e a revista logo percebera que tinha uma mina de ouro nas mãos. Kait podia fazer o que quisesse na *Woman's Life*; eles confiavam em seus instintos, que até então eram infalíveis.

Kaitlin Whittier provinha de uma família aristocrática tradicional de Nova York, mas era discreta a esse respeito e nunca usara esse fato para qualquer negociação. E sua educação fora suficientemente incomum para lhe dar uma perspectiva interessante da vida desde cedo. Ela não era alheia aos problemas familiares, ou aos reveses da natureza humana e às decepções e perigos dos quais nem o sangue azul poderia protegê-la. Tinha cinquenta e quatro anos e uma beleza impressionante. Cabelo ruivo, olhos verdes, e se vestia com simplicidade, mas tinha seu próprio estilo. Não tinha medo de expressar suas opiniões, por mais impopulares que fossem, e estava disposta a lutar por aquilo em que acreditava. Era uma pessoa ao mesmo tempo corajosa e tranquila, dedicada à sua carreira, porém apaixonada pelos filhos; despretensiosa, mas forte.

Em dezenove anos, ela sobrevivera às transições de vários regimes na revista. Mantinha o foco em sua coluna e nunca fazia joguinhos políticos. Sua atitude conquistara o respeito da direção; ela era única, assim como sua coluna. As colegas também adoravam lê-la; ficaram surpresas ao descobrir que muitos dos desafios que enfrentavam eram abordados ali. Havia uma qualidade universal no que Kait escrevia. Ela era fascinada por pessoas e seus relacionamentos, e falava sobre eles com eloquência, com um toque de humor de vez em quando, sem ofender suas leitoras.

— Ainda trabalhando? — perguntou Carmen Smith, enfiando a cabeça no vão da porta.

Ela era de origem hispânica, natural de Nova York, e havia sido uma modelo de sucesso até doze anos antes. Era casada com um fotógrafo britânico, por quem se apaixonara quando posara para ele.

Mas o casamento deles era turbulento, e haviam se separado várias vezes. Carmen era a editora de beleza da revista, alguns anos mais nova que Kait, e elas eram boas amigas no trabalho. Mas nunca se encontravam fora da revista, pois a vida de cada uma em casa era muito diferente da vida da outra. Carmen andava com gente mais ousada, artística.

— Grande novidade. Eu sabia que encontraria você aqui quando não a vi mergulhando no eggnog ou no ponche de rum com os outros.

— Não posso beber — disse Kait, sorrindo, sem erguer os olhos, enquanto conferia a pontuação da resposta que havia acabado de escrever para uma mulher de Iowa que sofria abuso emocional por parte do marido.

Ela também havia mandado uma resposta individual, pois não queria que a mulher esperasse três meses para ver suas preocupações abordadas na coluna. Aconselhara-a a consultar um advogado e um médico e a ser honesta com seus filhos adultos sobre o que o marido estava fazendo. Abuso sempre fora um tema sensível para Kait, que ela nunca deixava de levar a sério; e dessa vez não seria diferente.

— Desde aquele estimulador facial elétrico que você experimentou em mim, acho que estou perdendo neurônios — disse Kait. — Tive que parar de beber para compensar.

Carmen riu.

— É, eu sei. Em mim deu dor de cabeça. Tiraram do mercado mês passado, mas valeu a pena testar.

As duas haviam feito um pacto, dez anos antes, quando Carmen fizera quarenta anos, de nunca fazer cirurgia plástica; e o estavam cumprindo. Mas Kait acusava Carmen de trapacear porque aplicara injeções de botox.

— Se bem que você não precisa daquilo — prosseguiu Carmen. — Eu odiaria você se não fôssemos amigas. Eu é que não deveria

precisar, já que tenho a pele morena. Mas estou começando a ficar parecida com meu avô, que está com noventa e sete anos, e você é a única ruiva que eu conheço com a pele clara e sem rugas, e nem usa hidratante. É revoltante. Venha, vamos lá com o pessoal nos acotovelar diante da tigela de ponche. Você termina a coluna mais tarde.

— Acabei de acabar — anunciou Kait, e enviou o texto por e-mail à editora-chefe.

Ela girou na cadeira para ficar de frente para a amiga.

— Tenho que comprar uma árvore de Natal hoje à noite; não tive tempo no fim de semana passado. E depois montar e decorar. As crianças chegam domingo, só tenho hoje à noite e amanhã para fazer a decoração e embrulhar os presentes. É por isso que eu não posso aproveitar a tigela de ponche.

— Quem vem?

— Tom e Steph — respondeu Kait.

Carmen não tinha filhos nem nunca quisera ter. Dizia que o marido se comportava como criança, e um era suficiente. Já para Kait, os filhos sempre foram de vital importância e tinham sido o centro de seu mundo quando eram mais novos.

O filho mais velho de Kait, Tom, era mais conservador que as duas irmãs, e seu objetivo, desde cedo, era uma carreira na área de negócios. Ele conhecera a esposa, Maribeth, na faculdade de administração em Wharton, e os dois se casaram novos. Ela era filha de um rei do fast food do Texas, um gênio financeiro que ganhara literalmente bilhões de dólares e era dono da maior rede de restaurantes de fast food do sul e do sudoeste. Tinha uma filha, mas sempre desejara um filho, e recebera Tommy de braços abertos e o pusera debaixo das asas. Colocara-o no negócio quando Tom e Maribeth se casaram, depois da pós-graduação. Ela era muito inteligente, trabalhava no marketing do império do pai e eles tinham duas filhas, de quatro e seis anos, que pareciam anjinhos. A mais

nova tinha o cabelo ruivo do pai e da avó e era a mais extrovertida das duas. A mais velha se parecia com a mãe, uma loira bonita. E Kait quase nunca os via.

Tom e a esposa eram tão ativos e envolvidos na vida do pai de Maribeth que Tom só se encontrava com a mãe em Nova York para almoçar ou jantar quando estava na cidade a trabalho e em datas importantes. Ele fazia parte do mundo da esposa agora, mais que do de Kait. Mas estava feliz e fizera fortuna graças às oportunidades que o sogro lhe dera. Era difícil competir com isso, inclusive encontrar espaço para ela na vida dele agora. Kait aceitava essa situação com tranquilidade e ficava feliz por ele, mas sentia sua falta. Fora vê-los em Dallas várias vezes, mas sempre se sentia uma intrusa na vida agitada do casal. Além do trabalho no império de fast food, Tom e Maribeth desenvolviam atividades filantrópicas com as duas filhas e a comunidade, e ele viajava constantemente a trabalho. Ele amava a mãe, mas tinha pouco tempo para vê-la. Estava trilhando o caminho de seu sucesso, e ela tinha orgulho dele.

Candace, sua filha do meio, tinha vinte e nove anos e havia escolhido um caminho diferente. Possivelmente para chamar a atenção, ela sempre se sentira atraída por atividades de alto risco e perigo. Passara o primeiro ano da faculdade em Londres e nunca mais voltara. Arranjara um emprego na BBC e produzia documentários para eles. Tinha a mesma paixão da mãe por defender mulheres que lutam contra o abuso em suas culturas. Havia trabalhado em várias matérias no Oriente Médio e em países subdesenvolvidos do continente africano, e contraído uma porção de doenças, mas achava que os riscos de seu trabalho valiam a pena. Com frequência viajava para países devastados pela guerra, mas considerava crucial destacar as situações em que se encontravam as mulheres e estava disposta a arriscar a própria vida por elas. Havia sobrevivido a um atentado a bomba em um hotel e à queda de um avião pequeno na África, mas sempre voltava, querendo

mais. Dizia que ficaria entediada trabalhando em um escritório ou morando em Nova York o tempo todo. Queria ser documentarista independente um dia. Até lá, seu trabalho era significativo e importante, e Kait também se orgulhava dela.

De todos os seus filhos, Candace era a mais próxima de Kait e a que mais tinha em comum com ela, mas as duas raramente se viam. E, para variar, Candace não ia voltar para casa no Natal; estava terminando uma missão na África. Ela não vinha fazia anos, e todos tinham muita saudade dela. Não havia nenhum homem importante em sua vida; ela dizia que não tinha tempo, o que parecia ser verdade. Kait esperava que um dia Candace encontrasse o certo. Ela era jovem e não havia pressa. Kait não se preocupava com isso, só com os lugares aonde a filha ia, que eram perigosos e muito difíceis. Mas nada assustava Candace.

E Stephanie, a caçula de Kait, era o gênio da computação da família. Estudara no MIT, fizera mestrado em ciência da computação em Stanford e se apaixonara por San Francisco. Arranjara um emprego no Google quando terminara o mestrado e conhecera o namorado lá. Tinha vinte e seis anos, estava realizada no Google e adorava sua vida na Califórnia. Os irmãos debochavam dela por ser nerd; Kait nunca vira duas pessoas que combinassem mais do que Stephanie e o namorado, Frank. Eles moravam em Mill Valley, no condado de Marin, em um chalezinho em ruínas, apesar do longo trajeto diário até o Google. Eram loucos um pelo outro e por seus empregos na alta tecnologia. Ela ia voltar para casa para passar o Natal com a mãe e, dois dias depois, ia se encontrar com Frank e a família dele em Montana, para passar uma semana com eles. Kait também não podia reclamar disso. Era óbvio que sua filha estava feliz, que tinha o que queria e que estava indo muito bem no trabalho. Stephanie também nunca mais voltaria para Nova York. Por que voltar? Ela tinha tudo o que queria e com que sempre sonhara lá onde estava.

Kait sempre os incentivara a ir atrás de seus sonhos, só não esperava que o fizessem com tanto sucesso e tão longe de casa, e plantassem suas raízes tão profundamente em outros lugares e em vidas diferentes. Nunca havia criado problemas por isso, mas sentia falta de ter os filhos por perto. No mundo atual, porém, de pessoas com mais mobilidade e menos ancoradas, os filhos acabam se afastando da família para se estabelecer na carreira. Ela respeitava seus filhos por isso e, para evitar pensar na ausência deles, se mantinha sempre ocupada. Muito ocupada. Isso tornava sua coluna ainda mais importante para ela. Kait preenchia sua vida com trabalho, era dedicada e amava o que fazia. Era feliz e via certa satisfação em saber que havia criado seus filhos para trabalhar duro a fim de alcançar seus objetivos. Todos haviam conquistado posições gratificantes e dois deles encontraram parceiros que amavam, que eram boas pessoas e os companheiros certos.

A própria Kait havia se casado duas vezes, a primeira logo após a faculdade, com o pai de seus filhos. Scott Lindsay era bonito, charmoso, divertido e jovem. Os dois se divertiram muito juntos, e levaram seis anos e três filhos para descobrir que não compartilhavam os mesmos valores e que tinham muito pouco em comum, exceto o fato de ambos provirem de famílias antigas e bem estabelecidas de Nova York. Scott era dono de um enorme fundo fiduciário e Kait finalmente percebera que ele não tinha a intenção de trabalhar – e nem precisava. Ele queria se divertir pelo resto da vida, mas Kait achava que todos deveriam trabalhar, independentemente das circunstâncias. Sua avó insubmissa havia lhe ensinado isso.

Ela e Scott se separaram logo após o nascimento de Stephanie, quando ele anunciou que queria viver uma experiência espiritual ao lado de monges budistas no Nepal durante um ano, que estava pensando em participar de uma expedição de escalada ao Everest depois disso e que achava que a Índia, com sua beleza mística, seria um ótimo lugar para criar os filhos, depois de suas aventuras.

Eles se divorciaram sem animosidade nem amargura depois de ele passar um ano fora. Scott concordou que era o melhor. Depois, viajou por quatro anos e era um estranho para os filhos quando voltou; então se mudou para o Pacífico Sul, onde se casou com uma bela taitiana e teve mais três filhos. Morreu após uma breve doença tropical, doze anos depois de se divorciar de Kait.

Ela havia mandado os filhos ao Taiti para visitá-lo, mas ele tinha muito pouco interesse por eles, e depois de algumas vezes as crianças não quiseram mais ir. Ele tinha seguido com a vida, fora simplesmente uma escolha ruim como marido. Tudo que era charmoso e sedutor nele na época da faculdade deixara de ser mais tarde, quando ela amadurecera e ele não. Scott nunca amadurecera, nem queria. Ela ficara triste pelos filhos quando ele morrera, mais do que eles mesmos. Ele havia passado tão pouco tempo com as crianças e demonstrado tão pouco interesse pelos filhos que eles não tinham quase nenhuma conexão com o pai. Os pais dele também morreram cedo e não tinham muito contato com os filhos antes disso. Assim, os filhos de Kait cresceram tendo a mãe como centro e único sistema de apoio na vida. Ela transmitira a eles seus valores, e os três admiravam o fato de a mãe trabalhar duro e, mesmo assim, estar sempre disponível para eles, mesmo depois de adultos. Nenhum deles precisava de ajuda; estavam bem encaminhados no rumo que escolheram, mas sabiam que podiam contar com ela se precisassem. Kait era assim, tinha clareza de que seus filhos eram prioridade desde o momento em que nasceram.

A segunda tentativa de casamento de Kait fora totalmente diferente, mas não mais bem-sucedida que a primeira. Só aos quarenta anos se casara de novo. Tom já havia entrado na faculdade e morava fora, e as duas filhas dela eram adolescentes. Ela conhecera Adrian ao começar um mestrado em psicologia na NYU. Ele era dez anos mais velho, estava concluindo o doutorado em história da arte e havia sido curador de um pequeno, mas respei-

tado, museu na Europa. Culto, realizado, fascinante, inteligente, ele abria novos mundos para ela, e os dois viajaram a muitas cidades para visitar museus: Amsterdã, Florença, Paris, Berlim, Madri, Londres, Havana.

Em retrospecto, ela percebia que havia se casado com ele depressa demais. Tinha medo de enfrentar o ninho vazio dali a alguns anos e estava ansiosa para estabelecer uma nova vida própria. Adrian tinha planos infinitos que queria dividir com ela, nunca havia se casado e não tinha filhos. Parecia uma boa combinação, e era excitante estar com alguém que tinha uma vida cultural tão rica e um conhecimento tão extenso. Ele era muito reservado, mas gentil e caloroso com ela. Até que lhe explicara, um ano depois do casamento, que seu desejo de se casar com ela havia sido uma tentativa de ir contra sua natureza, e, apesar de suas boas intenções, havia se apaixonado por um homem mais jovem. Ele se desculpou muito com Kait e se mudou para Veneza com ele, onde viviam felizes havia treze anos. O casamento deles, obviamente, acabara em divórcio também.

Desde então, ela era comedida em relação a relacionamentos sérios e desconfiava de seu julgamento e das escolhas que havia feito. Sua vida era feliz e satisfatória. Ela via os filhos sempre que possível, quando eles tinham tempo. Seu trabalho era recompensador e ela tinha amigos. Quando completou cinquenta anos, quatro anos antes, ela se convencera de que não precisava de um homem em sua vida, e não saía com mais ninguém desde então. Parecia mais simples assim. Não se arrependia do que poderia estar perdendo. Adrian, em particular, a pegara de surpresa; nada em seu comportamento em relação a ela sugeria que ele pudesse ser gay. Kait não queria cair em outra armadilha, nem cometer um erro. Não queria se decepcionar, ou talvez até encontrar algo pior. Embora fosse uma grande defensora dos relacionamentos em sua coluna, começava a achá-los complicados demais. Sempre dizia

que era feliz sozinha, mas os amigos, como Carmen, tentavam convencê-la a buscar alguém novo; diziam que, com cinquenta e quatro anos, ela era jovem demais para desistir do amor. Kait sempre se assustava com sua idade. Não a sentia nem a aparentava, e tinha mais energia do que nunca. Os anos voavam. Ela era fascinada por novos projetos, pelas pessoas que conhecia e por seus filhos.

— Vem ou não encher a cara conosco? — perguntou Carmen à porta, impaciente. — Você queima o filme de todos nós trabalhando o tempo todo. É Natal, Kait!

Kait olhou para o relógio. Ainda precisava comprar a árvore, mas tinha meia hora sobrando para ficar com seus colegas e beber um pouco.

Ela seguiu com Carmen até o local onde estavam o eggnog e o ponche de rum. Tomou um gole do primeiro, que estava surpreendentemente forte. Quem o havia preparado pesara a mão. Carmen estava bebendo seu segundo quando Kait saiu, voltou para sua sala, olhou ao redor e pegou uma pasta grossa de sua mesa, contendo cartas que ela pretendia responder para a coluna e um rascunho de um artigo que aceitara escrever para o *The New York Times* sobre a existência ou não de discriminação contra as mulheres no trabalho, se isso era um mito e uma relíquia do passado. Não era, na opinião dela; só era mais sutil que antes e dependia da área. Estava ansiosa para terminar. Ela colocou a pasta em uma sacola que Stephanie lhe havia dado – com o logotipo do Google –, passou discretamente pelos colegas que se divertiam e, depois de acenar para Carmen, entrou no elevador. Seu recesso de Natal estava começando, e ela tinha que decorar seu apartamento para os filhos, que chegariam em dois dias.

Pretendia assar o peru na véspera de Natal, como sempre fazia, e providenciaria todas as comidas favoritas deles. Havia encomendado um bolo de Natal na padaria e já comprara o pudim em uma mercearia britânica de que gostava. Tinha gim Bombay Sapphire para

Tom, um excelente vinho para todos eles, pratos vegetarianos para Stephanie e as guloseimas e os cereais matinais certos, em tons pastel, para as netas. E ainda precisava embrulhar todos os presentes. Seriam dois dias agitados até eles chegarem. Pensando nisso, ela sorriu enquanto entrava em um táxi para ir até a loja de árvores de Natal, que ficava perto de seu apartamento. Tudo já estava com um ar natalino, especialmente porque começara a nevar.



Kait encontrou uma árvore bonita, que parecia ter a altura certa para o teto dela, e lhe prometeram entregar mais tarde, quando a loja fechasse. Ela também escolhera uma guirlanda para a porta e uns galhos que poderia usar para decorar a lareira da sala. Já tinha o pé de que precisava para a árvore, a decoração e as luzes. A neve grudava em seu cabelo e em seus cílios ruivos enquanto ela escolhia a árvore e depois, quando percorreu a pé os quatro quarteirões até seu apartamento. As pessoas estavam festivas, felizes, pois só faltavam dois dias para a véspera de Natal.

Já em casa, depois de tirar o casaco, começou a abrir as caixas de enfeites que usava havia anos, desde a infância, e que seus filhos ainda adoravam. Alguns estavam meio cansados e amarfanhados, mas eram os preferidos deles, e, se ela não os colocasse na árvore, eles notariam e reclamariam. As lembranças dos primeiros anos de vida eram importantes para eles. Havia sido um tempo cheio de amor e carinho.

Ela morava no mesmo apartamento que tinha quando eles eram crianças. Era de um tamanho generoso para Nova York e perfeito para eles quando ela o comprara, vinte anos antes. Tinha dois quartos de tamanho razoável, um dos quais era dela, uma sala de estar e uma sala de jantar, uma grande cozinha rústica onde todos se reuniam e, como era um prédio antigo, três aposentos de empregados no fundo, que haviam sido reformados e eram os

quartos de seus filhos quando eram pequenos. O segundo quarto ao lado do dela Kait usava como quarto de hóspedes agora, quando necessário, e como escritório para si mesma. Havia sido o quarto de brinquedos das crianças quando eram pequenas.

Kait pretendia deixar seu quarto para Tom e a esposa durante a breve visita. Stephanie ficaria com o quarto de hóspedes/escritório. As duas filhas de Tom ficariam em um dos antigos quartos que haviam sido do pai e das tias, e Kait dormiria no quarto que havia sido de Candace, já que ela não estaria. Não havia se mudado para um apartamento menor porque adorava ter espaço para receber seus filhos e netas. Eles não iam todos ao mesmo tempo havia vários anos, mas poderiam ir um dia. E, depois de vinte anos, ela adorava o apartamento, era seu lar. Uma diarista ia duas vezes por semana, e no resto do tempo ela cuidava de tudo e cozinhava, ou comprava alguma coisa no caminho para casa.

Com o salário que ganhava na *Woman's Life* e o dinheiro que sua avó havia deixado para ela, Kait poderia ter uma vida um pouco mais luxuosa, mas optara por não ter. Não queria mais do que tinha e nunca gostara de ostentar. Sua avó lhe ensinara o valor do dinheiro, o que ele pode fazer, o quanto é efêmero, e a importância do trabalho duro. Constance Whittier fora uma mulher notável, que ensinara a Kait tudo o que ela sabia sobre a vida e os ideais pelos quais ela ainda vivia e, por sua vez, demonstrara aos filhos. Mas a própria Constance havia tido menos sucesso com os próprios filhos, ou talvez não tivesse tido tanta sorte. Havia salvado a família de um desastre mais de oitenta anos antes e fora uma lenda em seu tempo, dando a todos um exemplo de desenvoltura, coragem e inteligência nos negócios. Sempre fora o único modelo de Kait.

De uma ilustre família aristocrática, Constance vira sua própria família e os Whittier – a família de seu marido – perderem toda a fortuna ao mesmo tempo na Crise de 1929. Eles eram jovens, casados e tinham quatro filhos pequenos na época, um deles um bebê

– que seria o pai de Kait, Honor. Viviam em um mundo luxuoso de casas enormes, propriedades imensas, riqueza ilimitada, belos vestidos, joias espetaculares e exércitos de empregados, até que tudo desapareceu e virou cinzas na Crise que destruíra tantas vidas.

Incapaz de enfrentar a derrocada, vendo seu mundo inteiro destruído, o marido de Constance cometera suicídio, e ela ficara sozinha com quatro filhos pequenos e sem dinheiro. Vendera o que pudera, perdera o resto, mudara-se com os filhos para um apartamento no Lower East Side e tentara arrumar um emprego para alimentá-los. Ninguém de sua família ou círculo imediato jamais trabalhara; todos haviam herdado suas fortunas. Ela não tinha nenhuma habilidade além de ser uma anfitriã encantadora, uma bela jovem, uma boa mãe e uma esposa devotada. Pensara em costurar, mas não tinha habilidade para isso. Então, passara a produzir a única coisa em que conseguira pensar e que sabia como fazer: biscoitos, aqueles que adorava assar para seus filhos.

Antes da Crise, eles tinham um batalhão de cozinheiros e criados para preparar qualquer iguaria que desejassem, mas Constance sempre gostara de fazer biscoitos para os filhos, quando a cozinheira a deixava entrar na cozinha. A cozinheira de seus pais lhe ensinara a receita quando criança, e isso lhe fora útil. Ela começara a fazer os biscoitos no apartamento de um quarto no Lower East Side; e, com as crianças a seu lado, levava seus biscoitos a mercearias e restaurantes, em caixas simples, onde escrevia “Mrs. Whittier’s Cookies for Kids”, e os vendia a quem os quisesse comprar. Tivera aceitação instantânea, não apenas de crianças, mas também de adultos, e as mercearias e os restaurantes começaram a lhe fazer encomendas. Ela mal conseguia dar conta da produção dos pedidos, e o que ganhava era para alimentar os filhos na nova vida que tinham, na qual sobreviver e ganhar dinheiro suficiente para sustentar as crianças eram preocupações constantes. Logo acrescentara bolos à sua produção e começara a testar receitas que

recordava da Áustria, Alemanha e França, e os pedidos continuaram crescendo. Economizara, e em um ano conseguira alugar uma pequena padaria no bairro e continuara atendendo aos pedidos cada vez maiores.

Seus bolos eram extraordinários, seus biscoitos os melhores. Outros restaurantes, na parte alta da cidade, ouviram falar dela, fizeram encomendas e se somaram aos primeiros clientes. Em pouco tempo ela fornecia seus produtos a alguns dos melhores restaurantes de Nova York e tivera que contratar mulheres para ajudá-la. Dez anos depois, tinha a empresa de bolos e biscoitos de maior sucesso em Nova York, que começara em sua cozinha pequena, pelo desespero de sustentar seus filhos. A empresa crescera nos anos de guerra, quando as mulheres passaram a trabalhar fora e não tinham tempo de cozinhar. Constance já tinha uma fábrica, e, em 1950, vinte anos depois de começar, vendera seu negócio à General Foods por uma fortuna, que posteriormente ajudara a sustentar três gerações de sua família, e ainda sustentava. O fundo que ela estabelecera garantia um pé de meia a cada um deles, que lhes permitira estudar, comprar uma casa ou abrir uma empresa. Ela era um exemplo para todos eles, nascido da necessidade, da desenvoltura e da recusa em ser derrotada.

Mas os filhos de Constance foram uma decepção para ela, pois preferiam aproveitar o sucesso fortuito da mãe e ficar ociosos. Ela admitira, mais tarde, que os havia mimado. Um deles não teve sorte: o filho mais velho tinha paixão por carros velozes e mulheres mais velozes ainda, e morrera em um acidente automobilístico, sem se casar nem ter filhos. O pai de Kait, Honor, era preguiçoso e autoindulgente, bebia e jogava, e se casara com uma bela jovem que fugira com outro homem quando a filha tinha um ano de idade. A mãe de Kait desaparecera em algum lugar da Europa e nunca mais se ouvira falar dela. Honor morrera um ano depois, um tanto misteriosamente, em um bordel na Ásia, e Kait, que tinha

dois anos, partira com suas babás para Nova York. A avó a acolhera e a criara, e elas se adoravam.

A filha mais velha de Constance era uma escritora talentosa e bem-sucedida que escrevia sob o pseudônimo de Nadine Norris. Morrera com quase vinte anos, de um tumor cerebral, sem filhos e solteira. E a filha mais nova de Constance se casara com um escocês, vivera uma vida tranquila em Glasgow e tivera filhos bons, que foram gentis com ela até sua morte, aos oitenta anos. Eram primos de Kait, de quem ela gostava, mas que raramente via. Kait era o orgulho e a alegria de Constance, e elas viveram aventuras maravilhosas juntas. Kait tinha trinta anos quando sua avó morrera, aos noventa e quatro, depois de uma vida notável.

Constance Whittier tivera uma vida maravilhosa até uma idade avançada, com todas as suas faculdades intactas e uma mente afiada. Nunca olhava para trás com amargura nem lamentava o que havia perdido, e não se ressentia do que fora obrigada a fazer para salvar seus filhos. Constance via cada dia como uma oportunidade, um desafio e uma dádiva, e ajudava Kait a fazer o mesmo em tempos difíceis ou quando a menina enfrentava decepções. Sua avó fora a mulher mais corajosa que ela conhecera. Era divertida e interessante quando Kait era criança e também quando estava na casa dos noventa. Manteve-se ativa até o fim, viajando, visitando pessoas, acompanhando as notícias de economia, fascinada por negócios e aprendendo coisas novas. Aprendera a falar francês fluentemente aos oitenta anos, depois fizera aulas de italiano e falava bem.

Os filhos de Kait ainda se lembravam da bisavó, mas eram lembranças vagas, pois eram pequenos quando ela morrera. Ela jantara com Kait na última noite, e elas riram e conversaram animadamente depois. Kait ainda sentia falta dela e sorria sempre que pensava na avó. Os anos que compartilharam foram o maior presente de sua vida, com exceção de seus filhos.

Enquanto colocava cuidadosamente os enfeites de Natal sobre a mesa da cozinha, ela viu alguns de sua infância e recordou que os pendurava na árvore com a avó quando morava com ela. Isso desencadeou uma avalanche de recordações; os enfeites já estavam desbotados, mas Kait sabia que as lembranças nunca se apagariam. Sua avó viveria para sempre no amor e na alegria que elas compartilharam e que foram a base da vida que ela vivera. Constance Whittier fora uma inspiração para todos que a conheceram. E os bolos e biscoitos que ela fazia por necessidade para salvar seus filhos passaram a ser conhecidos. Os biscoitos eram simplesmente chamados de 4 Kids, e os bolos sofisticados eram “Mrs. Whittier’s Cakes” e haviam alimentado toda a família. A General Foods, sabia, preservara os nomes originais dos produtos, que ainda eram populares e vendiam muito. Constance Whittier se tornara uma lenda, uma mulher independente e engenhosa à frente de seu tempo, e Kait ainda seguia seu exemplo todos os dias.

